

1) A discussão aqui apresentada marca o debate que ficou conhecido na história da filosofia como o debate entre o racionalismo e o empirismo. O primeiro - representado por pensadores como Descartes, Espinosa e Leibniz - compreende que a real <sup>verdade</sup> do mundo só pode ser conquistada a partir do uso de ferramentas racionais - e, portanto, lógicas - e que, conseqüentemente, não há verdade possível para além das capacidades da mente humana. Como bastante bem dito por Berkeley na passagem destacada, "só há uma substância, o espírito, o percipiente". Isto quer dizer que, antes de tudo, é a mente humana - ou, ainda, a percepção - que pode conhecer e que, portanto, apenas os conteúdos mentais existem; que não importa tanto para o pensamento que busca conhecer as causas primeiras a realidade ou não das coisas externas a nós, mas (apenas) os resultados mentais da existência humana: as ideias e a lógica que uma mente clara pode engendrar. Não é a toa, portanto, que Berkeley afirma que se as "coisas externas de que nossas ideias seriam cópias ou ~~representações~~ <sup>representações</sup> são perceptíveis ou não" elas são ideias: porque, para o movimento racionalista, só interessam os conteúdos mentais. O segundo, por sua vez, afirma a prioridade necessária da realidade material sobre a mental. É isto porque eles partem do espectro oposto daquele que sustenta a visão de mundo racionalista: para estes o conhecimento racional não dá conta de descrever o fenômeno do mundo. Mas por que eles dizem isto? De onde vêm suas críticas?

Dito de modo simples: da certeza de que a premissa oposta - no caso <sup>do</sup> empirismo, o racionalismo e vice-versa - não ~~se~~ <sup>permite</sup> que se chegue à verdade de maneira eficaz; <sup>da certeza de que</sup> toda uma destas visões esbarra em limitações tão grandes que a verdade se perde. No caso da postura racionalista, fala-se da falibilidade do aparato sensorial humano em fornecer verdades objetivas sobre as coisas: o exemplo clássico sendo aquele que atesta que algo mergulhado na água parece torto, quando, na verdade, este está intacto. No caso do empirista, fala-se dos abusos da razão em tentar provar a existên

A existência de coisas inexistentes ou cuja existência não pode ser comprovada pelas vias habituais - isto é, dos sentidos comuns dos quais dispõem os homens. Há uma diferença de premissas fundamentais e mecanismos de investigação que entram em jogo neste embate. Não é a toa, portanto, que Quine afirma que "O mito dos objetos físicos é epistemologicamente superior" e Berkeley que "só há uma substância, o espírito, o perceptante": porque cada qual parte de uma visão antagonista. Neste sentido, compreender as diferenças entre racionalismo e empirismo é o mesmo que compreender duas posições de base diferentes: é entender a primazia de um sobre o outro.

2) Do ponto de vista da discussão filosófica em torno da ciência, alguém poderia dizer que a posição de Popper é extremamente acerta da. E isto não seria, de modo algum, um equívoco. Isto porque a posição de Popper reflete bem a postura de um pensamento científico bastante convencional: o de que a ciência não pode/deve ser realizada a partir do contato com as esferas não científicas e que, portanto, deve se manter isenta de todo e qualquer contato deste tipo. Se tomarmos, por exemplo, as perspectivas de Kuhn sobre o tema, vemos que esta postura não é apenas natural: ela é necessária. Visto que a ciência - enquanto ofício que se pretende puro - se constitui a partir da construção de novos paradigmas que se superam dentro e a partir das descobertas científicas, a ciência não pode se embaralhar com os juízos da ética habitual. Pelo contrário, ela deve se manter amplamente distante disto tudo. É claro que isto não quer dizer que tal isenção seja possível - como o próprio Popper reconhece na passagem que comentamos nesta prova. ~~que~~ O que o autor quer com este pensamento é dizer que o fazer científico não deve ser condicionado pelos juízos de valores deste ou daquele grupo político, ideológico ou religioso, mas apenas ~~se~~ buscar se manter máxima

mente isento deste contato.

Neste sentido, vejo a passagem selecionada como algo importante à discussão científica. Tendo em vista certa visão de ciência que se toma como pura e que não tem interesse por qualquer identidade que não seja a sua própria, a visão de Popper auxilia bastante na constituição de uma ciência significada e com objetivos claros porque ela ~~incentiva~~ incentiva a consolidação desta mesma visão.

3) A posição de Adorno traz consigo uma premissa contrária à posição que se estabeleceu na contemporaneidade sobre o lugar do conhecimento dentro da discussão científica. Pois se, por um lado, o autor se coloca contra a posição de autores como Thomas Kuhn - que apontam na constituição de uma dialética científica na qual os modelos se constroem, são confrontados, ~~usam~~ e são substituídos -, ele também vai contra a visão encontrada no manifesto do círculo de Viena que afirma que é preciso se contribuir com a ciência a partir de uma fala comum que a todos que de maneira unânime. Isto quer dizer que ele se coloca na contra-corrente de posições que são tão consolidadas quanto vivas. E isto parece muito condizente com as discussões trazidas a termo por diversos filósofos no século XX. Digo isto porque este período foi muito marcado pela presença de autores que buscaram reconduzir todo o tapete do conhecimento a bases mais isentas de envolvimento histórico: para a contemporaneidade não é estranha a ideia de se romper com o passado. E isto parece bastante correto: tendo em vista o fato de que o século anterior foi marcado por pensamentos que acusavam a tradição de se apoiar em bases precárias, <sup>em especial pelo pensamento de</sup> e movimento de Adorno parece vir como um sopro de vida ao pensamento cujas bases se manteve mais rígida desde a modernidade.

Isto é, como bem dizem autores como Husserl e Heidegger,

um novo conhecimento precisa se constituir sobre novas bases e não pode mais se definir por posições que não nos conduzem à verdade. É isto porque falar sobre a verdade, como bem nos diz a filosofia, é falar sobre as verdades primárias do mundo; é falar do fato dos fatos.

Neste sentido o pensamento de Adorno traz uma contribuição fundamental às discussões científicas atuais porque propõe aquilo que, talvez, seja o mais necessário no presente momento para toda e qualquer investigação científica: se permitir ainda mais uma vez se voltar à base de investigação fundamental e se questionar pelas reais vias do conhecimento e pelas reais formas de ~~conhecimento~~ chegar a ela.